

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**MARIA EDNILSA DA S. SEIXAS VIEIRA**

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: APELIDO PEJORATIVO**

**MARIA EDNILSA DA S. SEIXAS VIEIRA**

## **VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: APELIDO PEJORATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação de Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dra. Zildene Francisca Pereira.

**Cajazeiras/PB  
2010**



V658v Vieira, Maria Ednilsa da S. Seixas.  
Violência simbólica: apelido pejorativo / Maria Ednilsa da S. Seixas Vieira.- Cajazeiras, 2010.  
56f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2010.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Violência verbal na escola. 2. Violência simbólica. 3. Apelidos. 4. Relação entre aluno. 5. Bullying. I. Pereira, Zildene Francisca. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.06

## **Agradecimentos**

A Deus, por ter me dado força para chegar até aqui.

Aos meus Pais, pois sempre me incentivaram e subsidiaram com muito esforço meus estudos.

À Professora Zildene Francisca Pereira, que sempre orientou com muita paciência, carinho, respeito e compreensão, a todos da turma.

Ao meu Esposo, que sempre me incentivou, nos momentos em que queria desistir, devido às diversas dificuldades que enfrentei, a continuar.

À minha Avó materna, que não está mais presente, mas desde que eu era criança, na medida do possível, sempre me ajudou financeiramente com relação aos meus estudos, pois queria que o sucesso se desvelasse nas linhas da minha vida.

A todos os Professores, Doutores e Mestres, que me ensinaram, durante todo o curso, a ser uma pessoa autêntica e autônoma, a ver o mundo com outros olhos e a andar com minhas próprias pernas.

Às minhas Irmãs, que sempre entenderam e colaboraram, ao não irem me visitar quando eu estava sufocada com muito trabalho para fazer.

Aos meus Amigos e Amigas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o término deste trabalho me dando forças, escutando e me aconselhando quando precisava desabafar.

Aos Alunos que participaram da pesquisa.

À Professora que cedeu sua sala de aula para que eu pudesse realizar o estágio.

A Anacleto Vieira de Sousa meu esposo e amigo pela sua contribuição neste trabalho de pesquisa fazendo a correção do português.

## Sumário

Introdução.....	11
1. A Violência Simbólica dentro da Escola.....	15
2. Procedimentos metodológicos.....	34
2.1 Contextualização da escola campo de estudo.....	34
2.2 Relação entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa.....	35
2.3 Conhecendo o sujeito participante da pesquisa.....	38
2.4 Etapas da coleta de dados.....	39
3. Análise de dados.....	41
Considerações Finais.....	53
Referências.....	55
Apêndice A.....	56

## Resumo

Este estudo visa analisar a Violência Simbólica: apelidos pejorativos dentro da escola, pois diante de inúmeras situações e casos de violência, o apelido é o mais comum entre alunos, no qual a vítima pode desenvolver vários tipos de comportamentos, como; a recusa de ir à escola, excluir-se dos demais colegas, desinteresse pela aprendizagem, ficar depressivo, perda da autoestima e com sérios traumas. Por estas e tantas outras razões elaboramos o seguinte questionamento: De que forma a escola pode prevenir esse tipo de violência Simbólica dentro da sala de aula do 5º ano do ensino Fundamental? Para responder a essa problemática elaboramos os seguintes objetivos: analisar tipos de comportamentos, relativo a apelidos pejorativos de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental; identificar e descrever a existência do apelido pejorativo na sala de aula e discutir a melhor maneira de se trabalhar esse tipo de violência simbólica com os alunos. Na fundamentação teórica utilizamos os seguintes estudiosos: Abramovay (2003); Debarbieux & Blaya (2002); Galvão (2004); Vereda (2007), dentre outros. Este estudo está dividido em três capítulos: no primeiro apresentamos a fundamentação teórica no qual discutimos a existência das agressões verbais e/ou físicas e que nós educadores nem sempre demos a devida importância. Vale salientar que essa violência disfarçada, não ocorre somente no interior das escolas, mas em diversos setores onde existem relações interpessoais. No procedimento metodológico descrevemos a Contextualização da escola campo de estudo; Relação entre pesquisador e o sujeito da pesquisa; Conhecendo os alunos participantes da pesquisa; Etapas da coleta de dados e por último no capítulo de análise dos dados apresentamos a compreensão dos alunos acerca da temática trabalhada. Vimos mediante as falas que os alunos não gostam de ser apelidados, mas quando são, revidam de maneira agressiva, aumentando ainda mais o nível de violência na sala de aula.

**Palavras – Chave:** Violência Simbólica, Apelidos, Alunos, Educadores.

## Introdução

Todos nós, durante o período estudantil, já fomos vítimas de Violência Simbólica. Nomeavam-nos com apelidos pejorativos, um tipo de *bullying* muito comum dentro da escola, com o intuito de nos rebaixar a uma condição depreciativa. Para os pais e os educadores, essa prática ofensiva não passa de uma brincadeira de criança, não levam tão a sério quanto deveriam, ignoram o problema pela falta de informações sobre as consequências que esse tipo de violência pode causar tanto nas vítimas quanto nos agressores.

Lembro-me do período que cursei o Ensino Fundamental e de como todos os dias era alvo de apelidos pejorativos. Quando chegava na escola ficava tomada de medo, nervosa, não queria estudar, aquietava-me no canto da sala, não pronunciava uma palavra sequer porque todos zombavam de mim. Na fila da merenda, na hora do recreio, era a pior hora: eu não conseguia receber meu lanche. Os colegas me empurravam, zombavam dos meus cabelos e de minhas roupas. Não adiantava falar para a professora o que acontecia. A única solução viável era chorar de muita raiva. O que eu mais queria naquele momento era ir logo para casa e não voltar nunca mais à escola. Contava para meus pais, mas achavam que era besteira. Não imaginavam a dificuldade que eu estava enfrentando. O pior de tudo isso era que nem a professora fazia nada para melhorar minha situação e nem muito menos meus pais. Ninguém tomava nenhuma providência, até mesmo porque, na época, a violência simbólica não era um assunto tão abordado. Hoje, alguns professores e pais já sabem quais as consequências que esse tipo de violência pode trazer para a vida do aluno.

Durante muitos anos, não consegui ser uma pessoa espontânea e alegre na sala de aula. Estava sempre angustiada, triste, achando que todos zombavam de mim, mesmo quando esta prática não ocorria. Somente há pouco tempo foi que consegui enxergar de outra maneira o que vivi como estudante do ensino infantil e médio. Confesso que foi uma experiência negativa da qual não me traz boas recordações. No meu caso não houve consequências graves, mas existem casos em que a vítima, não suportando as agressões, a angústia, a baixa autoestima, a

depressão, chega até a cometer suicídio, como já vimos relatos nas diferentes mídias de diversos casos relacionados com o convívio em sala de aula.

A princípio estava meio desorientada com dúvidas referente à temática a ser trabalhada, todavia, durante um debate na disciplina de Prática Docente nas Séries Iniciais I, o tema foi se delineando e quando a professora Dra Zildene sugeriu o tema Violência Simbólica: apelido pejorativo o projeto de pesquisa enfim tomou forma, bastava agora concretizá-lo. Partindo do pressuposto que a violência também ocorre em todos os lugares – no trabalho, no trânsito, nas festas, etc., li alguns textos sobre o assunto e percebi a importância de se trabalhar esse tema dentro da sala de aula, focando nesta pesquisa a Violência Simbólica vivenciada por alunos na escola.

O foco desta pesquisa é a Violência Simbólica vivenciada por alunos. Uma violência que sempre existiu e que merece atenção, um estudo mais aprofundado por parte dos profissionais da educação, pois nem sempre esses profissionais conseguem perceber e muito menos evitar esse tipo de prática no cotidiano das salas de aulas.

De acordo com as leituras realizadas, foi possível perceber que existem alguns fatores que ocasionam a violência dentro da escola, por exemplo: a falta de informações; a falta de políticas públicas voltadas para a qualidade do ensino e de recursos para a formação docente; e a falta de interação entre a escola, família e a comunidade, dentre outros.

Pretendo com esta pesquisa depurar as nuances do tema. Desejo, através de livros, revistas, jornais e outras fontes, ampliar os meus conhecimentos para, a partir deste estudo, entender quais motivos levam os alunos a manifestar condutas agressivas em sala de aula, e de que forma reagem as vítimas que sofrem essas agressões. Para tanto, considero que o ambiente escolar é o ponto de partida para evitar qualquer tipo de violência.

Diante de inúmeras situações e casos de violência dentro dos estabelecimentos de ensino, o apelido pejorativo é o mais comum e, em decorrência dele, a vítima pode desenvolver vários tipos de comportamentos, como: a recusa de ir à escola, excluir-se dos demais colegas, desinteresse pela aprendizagem, ficar depressivo, perda da auto-estima e com sérios traumas. Por essas e tantas outras



razões, elaboramos o seguinte questionamento: De que forma a escola pode prevenir esse tipo de Violência Simbólica dentro da sala de aula do 5º ano do Ensino Fundamental?

Para responder a essa problemática elaboramos os seguintes objetivos: analisar tipos de comportamentos, relativo a apelidos pejorativos de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental; identificar e descrever a existência do apelido pejorativo na sala de aula; e discutir a melhor maneira de se trabalhar esse tipo de Violência Simbólica com os alunos.

A monografia está dividida em três partes: no primeiro capítulo apresento a fundamentação teórica no qual aponto alguns apelidos pejorativos vivenciados e sofridos por alunos durante o período estudantil, bem como a revolta das vítimas diante do descaso de professores com relação a esse tipo de violência praticada entre alunos. Em muitos casos alguns educadores não sabem como trabalhar o assunto para minimizar o sofrimento desses alunos que foram vítimas desse tipo de agressão. Já noutros casos, talvez acreditem que os apelidos, aparentemente, não causam nenhum mal.

Diante dessas atitudes de negligências de alguns educadores, os alunos vítimas das agressões desenvolvem vários tipos de comportamentos prejudiciais a sua vida, tanto presente quanto futura, e, na maioria dos casos, se tornam pessoas violentas com pensamentos obsessivos de vingança contra aqueles que lhes causam tantos transtornos.

No procedimento metodológico, a segunda parte da pesquisa, pontuo critérios utilizados para a escolha da escola: como acontece o planejamento; quantos diretores, alunos, professores, funcionários; qual a série dos alunos que irão participar da pesquisa; quantos alunos existem na sala de aula, quantificando por sexo e por suas faixas etárias. Em seguida abordamos como acontece a relação entre o pesquisador e o sujeito pesquisado: como deve ser a postura e a habilidade do entrevistador diante do entrevistado para não deixá-lo inibido e não induzi-lo a dar respostas. Apresentamos, ainda, neste capítulo, os sujeitos participantes da pesquisa e as etapas de coletas de dados.

No capítulo destinado à análise, o terceiro, perceber-se-á que o posicionamento de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I, com relação aos apelidos pejorativos, está relacionado às agressões verbais vivenciadas, sofridas e testemunhadas por eles dentro da escola onde estudam. O posicionamento deles será evidenciado através das respostas dadas na entrevista que se realizou com cinco questões que abordaram: os apelidos pejorativos – em seus aspectos mais relevantes, as reações às agressões, como se relacionam com os colegas e se gostam de ser apelidados.

Os alunos interpelados ressaltaram, durante a entrevista, que se sentem incomodados ao serem apelidados. Alguns alunos dizem que gostam de apelidar os colegas, mas afirmam que não gostam quando são apelidados. Outros relatam que não gostam de apelidar, mas quando isso acontece reagem de forma agressiva, criando, assim, um clima desagradável, provocando um conflito ao, da mesma forma, apelidar o agressor, tornando difícil o controle no ambiente escolar.

## 1. A Violência Simbólica dentro da Escola

O tema Violência Simbólica: apelido pejorativo na sala de aula merece maior atenção por parte dos educadores, sabe-se que é um assunto que tem se tornado um problema grave dentro das escolas, no entanto, nem sempre é levado em consideração.

Com base nos debates sobre bullying, bem como nos registros da literatura especializada, vimos que um aluno intimida o outro, agride física e verbalmente, porém, por medo, mesmo sofrendo, a vítima não conta para ninguém, nem mesmo os colegas que testemunham o fato tem coragem para denunciar, com temor de se tornarem também alvo do agressor. Com o passar do tempo a vítima poderá, ou não, se tornar uma pessoa violenta, revidando de alguma forma tudo aquilo que sofreu dentro da escola, quem sabe até matando, roubando, viciando-se em drogas, desrespeitando pessoas ou, simplesmente, burlando regras.

A violência dentro da escola é atemorizante. Podemos iniciar a lista a partir de um tipo aparentemente simples e que passa, em muitos casos, despercebido por parte dos sujeitos envolvidos no processo educativo: o apelido pejorativo. Mas não só isso, tantos outros tipos de violência fazem parte dessa lista, tais como: um aluno matar o outro por motivos banais, ou pichar a escola, ou agredir os professores e os alunos, ou cometer atos de vandalismo. Na outra ponta, colaborando passivamente com esta situação, estão os profissionais da educação que, ou por não estarem preocupados ou por estarem com medo, ignoram a Violência Simbólica existente nas escolas. Violência que, de uns tempos para cá, cresce de forma assustadora e com consequências trágicas em alguns casos particulares.

O aluno que sofre a Violência Simbólica dos apelidos pejorativos desenvolve tipos de comportamentos como: não querer ir à escola, sintomas depressivos, excluir-se dos demais alunos, desinteresse pela aprendizagem, dentre outras características. Portanto, a escola, percebendo e admitindo as consequências que o apelido pejorativo causa para as vítimas, agressores e testemunhas, deverá trabalhar o tema dentro das salas de aulas com o propósito de minimizar as causas e

os efeitos, tornando o ambiente de ensino-aprendizagem muito mais saudável e muito mais prazeroso, para todos que convivem nesse espaço.

As escolas, junto com os órgãos governamentais e com a sociedade, devem criar espaços para discutir a violência dentro das instituições de ensino, procurando determinar quais as causas e os motivos que levam os alunos a cometerem os atos violentos, dando-lhes condições psicológicas, apoio moral, deixando-lhes à vontade para falar o que lhes perturba, por exemplo: se há algum motivo para serem agressivos; se há problemas em casa; se já sofreram algum tipo de violência, e talvez por isso se comportem daquela maneira irascível como uma forma de vingar-se, de expor todo aquele sentimento de raiva, angústia ou, até mesmo, medo. Sendo preciso salientar que, para isso, faz-se necessário o acompanhamento de profissionais especializados para entender esses problemas, conforme exemplifica Schaler apud Galvão ao afirmar que “A superação desta situação dependeria do aumento da capacidade de ação dessas pessoas, para o que se faz necessário criar espaços sociais, espaço de debate, que abram caminho para uma possível conflitualização”. (2004, p.16,17).

Somente depois dos problemas diagnosticados é que os profissionais envolvidos no processo educativo devem desenvolver métodos e estratégias para que esses estudantes reflitam sobre seus atos e percebam que existem outras formas de exprimir seus sentimentos: por meio de brincadeiras, interagindo e aprendendo com seus colegas, através de leituras, de rodas de conversas, de atos solidários e outras tantas. (GALVÃO, 2004).

É essencial que a questão da violência seja abordada nas escolas, na mídia, na religião, na família, para que as crianças e adolescentes não continuem praticando a Violência Simbólica como se fosse algo normal. A intenção deve ser voltada para que os alunos, bem como as pessoas que fazem parte de sua vida, sintam-se motivados para mudarem seus comportamentos para melhor. Sendo assim, se é na escola onde acontece um número maior de casos de agressões verbais, físicas e outras, é nela que precisamos centralizar o ponto de partida para reverter esse quadro, priorizando sempre a construção do indivíduo e visando seu crescimento, compatibilizando seu comportamento perante o meio social.

Todos os dias, professores e alunos do mundo inteiro são vítimas da Violência simbólica que, na maioria dos casos, é vista como um tipo de *brincadeira*. Porém, estudos recentes revelam que esse tipo de comportamento pode afetar o aluno desde o seu desenvolvimento psíquico até o social. Sem mecanismos que freiem suas ações, cada vez mais o agressor desenvolve condutas hostis. Se sente o *valentão* acreditando ser uma pessoa normal e que pode viver socialmente. Contudo, na maioria das vezes, o ofensor não sabe que precisa de um acompanhamento psicológico, e muito menos recebe, da escola ou da família, motivação para conscientizar-se que precisa de ajuda, para que possa superar essa fase da prática de atos agressivos, para que não siga um outro caminho – das drogas, do álcool, dos roubos, etc. – que poderá se tornar uma vereda sem volta.

Falando sobre conflitos, Galvão com base em Erikson explica que:

[...] o conflito também ocupa lugar crucial, formulado sob a noção de crise. Para este autor, cada fase do desenvolvimento do ciclo vital define um conflito básico, uma crise em que o comportamento do sujeito é tensionado entre duas tendências opostas. Segundo ele, as crises são um período decisivo e crucial em que a personalidade em desenvolvimento se divide entre uma de crescente potencial, a outra de crescente vulnerabilidade e fragilidade. (GALVÃO, 2004. p.18,19).

A autora fala que o conflito passa por todas as fases de desenvolvimento da criança e desempenha um importante papel, em o qual a criança, de acordo com as situações vivenciadas no seu cotidiano, pode encarar os conflitos como algo bom para o seu crescimento, como também pode regredir tornando-se uma pessoa frágil e vulnerável aos diversos conflitos dos quais virá a enfrentar. Por um lado, o conflito tem que existir na vida da criança, pois é através dele que ela aprende a tomar decisões, a diferenciar uma coisa da outra, e amadurece quando consegue ultrapassar uma crise e percebe que de alguma forma trouxe resultados positivos. Por outro lado, os conflitos poderão torná-la uma criança revoltada, triste, violenta, por não saber como controlar suas crises, entrando em conflito consigo próprio. A superação desses conflitos é muito importante na formação do sujeito, pois são eles que equilibram ou desequilibram os processos cognitivos da criança. Conforme Galvão:

Na vivência dos adolescentes, os conflitos representariam um recurso privilegiado para a compreensão das diferenças entre os múltiplos relacionamentos em que se vêem envolvidos, bem como da interdependência existente entre os mesmos. Os relacionamentos 'saudáveis' não seriam aqueles em que não há conflitos, mas aqueles em que há, por parte dos sujeitos envolvidos, uma disposição para resolver os desacordos. (2004, p. 20).

De acordo com a autora, no cotidiano dos adolescentes, os conflitos surgem para que eles saibam como administrar e compreender as diferenças entre um conflito e outro, entendendo que os conflitos sempre irão existir e que cabe a cada um saber conviver e aprender que a vida, continuamente, é uma busca pela solução dos conflitos, que é sempre interessante aquela relação que temos com nossos familiares e amigos, por exemplo: quando, por algum motivo, discutimos com nosso irmão ou irmã ou com o namorado, também incluindo nesse rol nossos colegas de classes, e pouco tempo depois, minutos ou dias, já estamos juntos, se divertindo em paz consigo e com os outros. Isso quer dizer que não deixamos o conflito se tornar algo negativo nas nossas relações interpessoais. É ter a clareza de nunca confundir conflito com violência, pois não se consegue nada de bom com a violência, pelo contrário, só nos leva a cometer loucuras, nos tornando pessoas solitárias.

Ainda sobre a discussão e compreensão do conflito, GALVÃO afirma que:

É fundamental que a escola favoreça a expressão dos conflitos vividos por crianças e jovens, independente da natureza que tenham. Sejam conflitos trazidos do meio externo à escola, vividos nas relações entre colegas ou configurados como oposições contra a escola, o seu não reconhecimento, bem como a ausência do esforço em constituir canais legítimos de expressão e negociação, representam ingredientes decisivos para a eclosão de violência, assim como uma forma de violência. (2004, p. 226).

A escola deve dar mais ênfase aos conflitos vivenciados pelas crianças e adolescentes, independente do tipo de conflito e de onde esteja a sua origem, porque a partir da falta de diálogo, da interação entre escola e aluno, poderá ocorrer um favorecimento para o surgimento da violência. De acordo com Abramovay e Rua:

A vulnerabilidade da escola a várias violências, macrossociais, viria aumentando também sua perda de legitimidade como lugar de produção e transmissão de saberes, quando contraposta ao alcance

social, ampliando do escopo e do acesso de novos meios de formação. (2003, p. 25).

A escola se tornou um ambiente vulnerável a vários tipos de violência, e aqueles que fazem parte diretamente da educação escolar acabam considerando que seja apenas violência àquela que causa estrago ao patrimônio escolar – como o dano, o furto, roubo –, ou então aquela violência contra a pessoa – como lesão corporal e em casos extremos o homicídio –, ou ainda o consumo e o tráfico de drogas ilícitas. Ou seja, em outras palavras, aquela violência que é explícita. Com essa postura, a de voltar-se apenas para as agressões visíveis, os educadores menos atentos, para não dizer pouco comprometidos, colocam-se uma venda para não perceberem a gravidade da violência simbólica, considerada *comum* pela maioria das pessoas. No entanto, o que precisamos realmente é nos desvendar para a realidade: o apelido pejorativo – uma violência que acontece por meio de agressões verbais, ofensas e xingamento – pode ser que, aparentemente, para quem observa externamente ao conflito, não cause nenhum *dano*, mas, já para quem sofre as agressões, isso se torna angustiante, traumatizante. Para evitar esses problemas e talvez até outros ainda piores, faz-se necessário que a escola e todos os envolvidos na ação educativa deem mais atenção ao que os alunos fazem, dizem, e como se comportam, só assim poderão identificar se tem algum caso de alunos que sejam agressores, alvos ou testemunhas, dentro da escola.

A instituição escolar, por outro lado, reconhecemos que atualmente não dispõe de recursos e nem de profissionais capacitados para lidar com as diferentes modalidades de violência, a diversidade e ao excessivo número de alunos existentes nas salas de aulas. Mas essa dificuldade não deve se tornar um subterfúgio em o qual os professores se neguem ou não possam impedir que os alunos agridam uns aos outros. Portanto, no caso da deficiência provocada pelo sistema educacional aplicado no país, é preciso que haja a compreensão, a coletividade, a responsabilidade, o espírito de se trabalhar em equipe com os mesmos objetivos, com o intuito de alcançarmos um avanço no processo educativo, independente de decisões sócio-políticas, para que a escola se torne um lugar onde ensina pessoas a respeitar o outro, a interagir, a aprender a viver em harmonia, pois, desta forma,

poderemos formar, e nos formar, cidadãos capazes de lutar pelos direitos com autonomia. Conforme Abramovay e Rua:

A escola e seus profissionais formam o universo capaz de propiciar o desenvolvimento do aluno, bem como de criar condições para que ocorram aprendizagens significativas e interações entre alunos, professores, diretores e demais membros da equipe técnica que favoreçam ou não os processos informativos e de comunicação na escola. Nesse ambiente de diversidade, no entanto, também ocorrem brigas, atos de agressividade e de violência, e as medidas tomadas para solucionar os conflitos em geral cabem à direção da escola. Os procedimentos adotados são, em sua maioria, advertências, suspensões, transferências e expulsões, conforme a gravidade do caso analisado pela escola. (2003, p. 33).

Baseando-se nas leituras dos autores acima, podemos então perceber que todos os membros da escola têm o dever de trabalhar em sintonia, com a consciência de que estão formando pessoas que atuarão na sociedade, e só por meio da ação educativa, com suas regras e punições estabelecidas e cumpridas no cotidiano escolar, é que o ser humano se constrói, aprende a comunicar-se e a trocar saberes num espaço de tantas diversidades. É normal existir algumas discussões, agressões, mas cabe a direção da escola analisar a intensidade do caso e aplicar a punição adequada para o problema, sem nunca ignorar o aluno, mesmo que, aparentemente, não seja nada grave. Segundo Abramovay e Rua:

Na medida em que as punições são, na maioria das vezes, estipuladas de forma arbitrária, a escola pode ser um lugar privilegiado do exercício da violência simbólica. A violência, nesse caso, seria exercida pelo uso de símbolos de poder que não necessitam do recurso da força física, nem de armas, nem de grito, mas que silenciam protestos. E no ambiente escolar, com alta probabilidade, seria exercida não somente entre alunos, mas nas relações entre eles e os professores. (2003, p. 34,35).

A harmonia no ambiente escolar será determinado pela forma que as punições serão aplicadas. Precisa ser considerado que, se for utilizada de forma injusta, tratando com desigualdade, escutando e punindo só uma parte envolvida – acobertando o que um faz de errado só porque é o protegido da escola e punindo o outro –, a punição, no lugar de harmonizar o ambiente, criará uma situação de desconforto e poderá gerar outros sérios problemas de relacionamento. O castigo



ímprobo causará constrangimento e, de certa forma, se tornará um tipo de humilhação para aqueles alunos que já sofrem com a violência injusta.

Todas essas posturas dos dirigentes da escola podem ser consideradas como abuso de poder e provocam um efeito inverso: ou seja, ao invés de minimizar, na verdade o que faz é viabilizar a continuidade da violência simbólica, que, na maioria dos casos, acontece de maneira camuflada. Ou, dito de outra maneira, o agressor age através de gestos, chantagens, manipulações, sem usar a força física, nem armas, sem se exaltar, só por meio do *poder* que ele exerce sobre a vítima, intimidando e ameaçando para que ela não exponha para ninguém o seu sofrimento. Esse tipo de violência não acontece só entre alunos, mas entre alunos e professores também, onde a intimidação por parte do professor se torna bem pior para o aluno alvo, pois se trata de um adulto que tem um maior domínio da situação. Conforme Abramovay e Rua:

A escola pode ser um local privilegiado de combate a violência, mas, para isso, necessita de profissionais respeitados, com conhecimento de pedagogia, cabendo ao poder público investir na formação e reciclagem destes profissionais, como, também, adotar estratégias para fazer prevalecer o direito e os deveres do professor (2003, p. 73).

A partir das diversas leituras realizadas e reflexões suscitadas, percebemos que, para que a escola se torne um ambiente sem violência, precisa-se de políticas públicas voltadas para a discussão das práticas de violência no ambiente escolar, de propostas pedagógicas atraentes para despertar nos jovens à vontade de estudar, de interação entre escola e a comunidade, de cursos de capacitação docente e de uma formação de qualidade para os futuros docentes, para que possam ser bons profissionais e respeitados por todos de todas as áreas do conhecimento e, principalmente, pelos discentes. Estas propostas, combinadas entre si, poderão, por conseguinte, proporcionar a possibilidade de formar cidadãos para o mercado de trabalho com competência e segurança para exigir seus direitos e cumprir seus deveres. Segundo Debarbieux e Blaya:

A violência, tanto para quem a comete para quem é submetido a ela, é, no mais das vezes, uma questão de violência repetida, às vezes tênue e dificilmente perceptível, mas que, quando acumulada, pode levar a graves danos e a traumas profundos nas vítimas, e a um

sentimento de impunidade no perpetrador (embora devamos ter sempre em mente que certos perpetradores costumam ser, eles próprios, vítimas) (2002, p. 82, 83).

A Violência Simbólica por meio da intimidação, quando repetida por diversas vezes, mesmo que seja de proporção menor ao compararmos a outras violências explícitas, pode provocar, nas vítimas, sérios problemas no processo cognitivo, desenvolvendo condutas e comportamentos nocivos, como também poderá torná-las tristes, depressivas, que só veem uma saída para resolver seus problemas: suicidar-se. Na outra ponta do cabo de guerra, indiferente ao sofrimento da vítima, e ao perceber que sua ação não é um ato facilmente punível, o agressor continua cometendo suas delinquências e se disfarça de vítima para que ninguém perceba seu comportamento violento.

Torna-se imprescindível que as instituições de ensino comecem intervindo nos pequenos casos de agressões, porque é a partir das *microviolências* não resolvidas que se oportuniza o surgimento das *macroviolências*. E, depois do despertar desta última violência, talvez seja um pouco tarde para correr atrás do prejuízo.

Diante das inúmeras deficiências, é fato que a escola sozinha não pode fazer milagres, portanto, é preciso que o governo cumpra também o seu papel concedendo mais apoio a educação e dando aos profissionais da área o devido respeito que merecem, ao invés de negar os benefícios que esses educadores têm direito. A família, por sua vez, deve cumprir sua parte e não deixar toda a responsabilidade para a escola, porque só poderemos obter resultados satisfatórios, que é a aprendizagem do aluno, se todos colaborarem cada qual fazendo a sua parte. De acordo com Debarbieux e Blaya:

Quando os educadores trabalham dentro da escola, juntamente com os professores e, se necessário, vão até a casa dos pais para informá-los sobre os serviços de seu interesse, os alunos que passam por dificuldades tendem a buscar a ajuda de seus professores, colegas, conselheiros e médicos especializados. Sob essa luz, a escola se torna um agente de inovação social, implementando ações destinadas a transformar a qualidade de vida (2002, p.176).

Quando todos os profissionais trabalham com prazer naquilo que gostam, interagindo, dialogando, discutindo as ideias conjuntamente, todos com o mesmo propósito, propósito este que é o funcionamento e crescimento da instituição, onde todos convivem em harmonia, respeitando-se, dificilmente irá acontecer cenas de agressão.

O educador precisa dedicar-se mais para com seus alunos. Quando um aluno faltar à aula, o professor tem uma boa ocasião para ir até a casa do educando para conversar com os pais, saber qual o motivo da ausência. Demonstrar interesse pela a vida do aluno para que este se sinta parte relevante daquela comunidade. Ao se reconhecer como um indivíduo importante na constituição do grupo, o aluno perceberá que sempre que estiver com algum problema poderá procurar o professor, ou alguém que tal qual lhe transmita confiança, para desabafar a sua situação e juntos encontrarem uma solução. Bem como a família, diante da dedicação do professor, também irá se sentir motivada e contribuirá interessando-se mais pela aprendizagem do seu filho, e, com isso, o aluno eliminará qualquer sentimento de desprezo ou de revolta. Desta forma, com medidas sócio-educativas e com profissionais comprometidos com uma educação de qualidade, é que a escola se tornará um espaço de socialização do saber (DEBARBIEUX E BLAYA, 2002).

#### Segundo Debarbieux e Blaya:

Empurrar a responsabilidade de um mal-estar coletivo sobre indivíduos, quando se trata, na verdade, de um clima que se refere à escola como um todo, inclusive a locais como o pátio de recreio, os corredores e outras áreas comuns, parece ser uma negação do coletivo e de seus papéis e implicações na vida da escola (2002, p. 239).

Para esses autores, sair a procura de culpados, quando acontece alguma situação constrangedora, não parece ser correto e nem tão pouco ético, já que o ambiente escolar é de interesse e responsabilidade de todos que fazem parte do processo educativo. Por conseguinte, é muito melhor ajudar um colega de trabalho, quando este está precisando, do que crucificá-lo, querendo colocá-lo para trás. Tudo o que acontece no pátio, nos banheiros, nos corredores e em outras áreas adjacentes, é dever de todos da escola conhecer. Não estamos querendo negar a

existência de pessoas designadas para desempenhar cada função dentro da escola, por exemplo: o supervisor pedagógico. Porém, isto não quer dizer que outro funcionário, um porteiro, por exemplo, que esteja próximo ao evento e vendo algo errado, não possa reclamar. Dentro, ainda, desta perspectiva, só que por um outro viés, se um professor vê um aluno fazendo alguma coisa errada e não fala nada, finge que não está vendo, só porque não é seu aluno, sua atitude não tem espírito e nem noção do que seja trabalhar em equipe e por isso a escola não cresce. É uma infelicidade que ainda tenhamos pessoas que pensam e agem dessa forma. Esse é o nosso posicionamento a partir de observações na própria escola. (DEBARBIEUX E BLAYA, 2002).

Explenados os problemas acima, aproveitemos, a partir de então, essa discussão acerca da violência simbólica, vivida por alunos no interior de diversas salas de aula, e partamos para a contextualização dos fatos na sala onde somos professoras atualmente.

Na sala de aula, todos os dias acontecem várias cenas de agressões de alunos contra alunos e de alunos contra professores, do tipo: um aluno dar socos e pontapés no outro, grita, xinga com termos pejorativos, baixam a calça dos seus colegas; alguns meninos agredem as meninas verbalmente e, às vezes, fisicamente, dando-lhes chutes, puxando-lhes os cabelos, derrubando seus materiais escolares no chão; ou, então, um aluno apelida o outro de *veado*, de *mulherzinha*, de *negro macaco*. Quando são agredidos, física ou verbalmente, os alunos, em geral, não toleram e partem logo para atacar o agressor, revidando com socos, empurrões e chutes. Outros, até tentam se defender, só que, diante da força do oponente, começam a chorar querendo ir para casa, afirmando que sairão da escola porque não suportam mais tantas agressões. É, em vista disso, e a partir daí, que se formam as grandes confusões em sala de aula, se tornando, muita das vezes, difíceis de serem controladas.

Podemos perceber claramente o preconceito no apelido. E, ao serem apelidadas, as vítimas se defendem atribuindo o mesmo apelido para o colega que o agrediu. Em outros casos, os imolados replicam apelidando os colegas com palavras que se referem à aparência ou a uma deficiência física – *baleia assassina*, *mulher*

*melancia, zarolho*. Além desses atos, alguns reagem às agressões com violência, mas já outros choram e preferem nos comunicar porque somos professoras da turma, ou seja, a pessoa autorizada para reprimir a agressão. É por isso que, ao mesmo tempo em que mediamos os conteúdos, temos que observar sempre com muita atenção o que cada aluno faz durante a aula e também durante o recreio, em o qual as agressões são constantes.

Tem alunos agressivos que se sentem *valentões* só porque os pais estão pagando para estudar. Acreditam que podem comportar-se da maneira que bem entenderem, não respeitando ninguém, não querendo assistir à aula, e ficam, a todo instante, implicando com os colegas, escondendo os materiais ou então apelidando. Quando a situação chega a este ponto, o controle é praticamente impossível. A autoridade na sala de aula é questionada justamente porque o aluno considera o professor uma pessoa paga por seus pais para suportar seus rompantes de egoísmo, já que o salário do educador é subsidiado pelo dinheiro dos pais dos alunos através do órgão contratador que é a escola. Resta, apenas, ao docente, recorrer a uma autoridade superior, a diretoria da escola, para que seja novamente outorgado o seu poder na sala de aula. O processo se dá da seguinte maneira: chamamos a diretoria da escola, comunicamos que não tem condições de dar aula com um aluno que não quer aprender nada, a não ser atrapalhar os que querem realmente aprender; daí então a diretoria leva o aluno para sua sala, mantém uma conversação aconselhando-o para que não se torne uma pessoa com condutas antissociais, e aplica-lhe medida correcional como não o deixar ir para o recreio e fazer as atividades do dia com o auxílio da diretoria; e, por fim, quando os pais ou os responsáveis retornam a escola para buscá-los, informamos tudo o que aconteceu. Alguns discentes melhoram o comportamento, mas outros retornam no outro dia ainda pior. Todavia, embora não consigamos contornar todos os problemas, estamos cômicos que cumprimos nosso dever, para que futuramente, quando o problema tomar proporções maiores, não espalhem pelos corredores da vida que ninguém comunicou nada, ou então culpem o professor ou a escola de serem negligentes.

Na turma que trabalhamos, numa instituição particular, existem alunos que já enfrentam problemas sérios. Para exemplificar, basta citar que há pais que brigam

e se agriem na presença dos filhos. Tem um aluno que não pode ser contrariado porque começa a gritar e a ficar nervoso. Ele não faz muitas amizades, tudo é motivo para uma luta. Com medo de se aproximarem, os outros alunos só falam o necessário e não o chamam para brincar. Apenas um aluno é merecedor da sua estima, um amigo, a quem tem mais afinidade, e estão sentando juntos. Devido ao comportamento muito agressivo, querendo destruir a escola inteira, a diretoria manteve uma conversa com o pai desta criança, de lá para cá tem melhorado bastante seu comportamento na instituição.

Tem outro aluno que os pais são separados e está convivendo hoje em dia com o pai e a madrasta. O relacionamento em casa parece não ser dos melhores. Sua verdadeira mãe foi embora, morar em outra cidade, deixando-o com o pai e um irmão. O motivo da partida da sua mãe foi o adultério cometido por seu pai com a mulher que hoje é sua madrasta. A atual mulher de seu pai também tem dois filhos de outro casamento e moram todos na mesma casa. Ele é revoltado e agressivo, chuta e esmurra meninas e meninos. Nossa atenção, enquanto professoras, têm que ser voltada, em alguns momentos, somente para ele. Ao rebelar-se, agride a todos os que estão a sua volta, e quem tentar segurá-lo também sofre socos, mordidas e chutes. Possivelmente, a agressividade seja a única maneira que ele encontrou para chamar a atenção, mesmo que seja para ser repreendido. Posto que na sala de aula tratamos todos de forma igual, dando atenção carinho, e, quando necessário, o corretivo adequado à situação, para que ninguém se sinta desprezado, ou injustiçado, e resolva agir da mesma forma só para ser notado.

A escola não dispõe de muitos recursos, somente o básico como: televisão, DVD, livros, um parque bem simples, uma espécie de cozinha que ao mesmo tempo é a cantina e uma sala simples para a diretoria. A escola não tem profissional especializado para lidar com os tipos de problemas aqui relatados, são apenas os professores e a diretora para lidar com o conflito.

O que podemos observar, durante as pesquisas, é que muitas pessoas durante a vida estudantil já sofreram com os apelidos pejorativos, com as agressões verbais, com as intimidações, e, essas violências, não são esquecidas, ficam para sempre nas suas lembranças. Pretendemos nos aprofundar mais na temática em

destaque a partir do enfoque da educadora Rita de Cássia Vereda, educadora há vinte anos na rede pública de São Paulo, formada em Letras e Pedagogia, passou por diversos segmentos da escola, sendo professora, vice-diretora e atualmente diretora. Depois de estudos, observações, reflexões e análises acerca do apelido pejorativo, ela percebeu a intensidade do problema e resolveu trabalhar o assunto na escola. Sob a orientação da professora Dra. Laurinda Ramalho de Almeida, Vereda realizou um estudo com adolescentes paulistanos na sua tese de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Educação: *Psicologia da Educação*, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP), no ano de 2007. A faixa etária dos alunos escolhidos para esse trabalho foi de adolescentes do primeiro ano do Ensino Médio. O contexto escolhido foi uma escola pública estadual da periferia de um dos municípios da grande São Paulo. Vereda afirma que:

As crianças e os adolescentes tanto das camadas populares como das camadas mais favorecidas socialmente, têm na escola um porto seguro, um lugar de novas amizades, do respeito e da igualdade (2007, p. 07).

Todas as crianças e adolescentes, pobres ou ricos, veem a escola como um ambiente agradável, onde se divertem, estudam, fazem novos amigos, dividem momentos tristes e momentos alegres, recebem o carinho dos professores, diretores e funcionários. Desenvolvem, com essa convivência, um elo de confiança e segurança com todos, principalmente com o professor, conceituado pelo aluno a pessoa mais importante depois dos pais, pois também lhe trata com carinho, amor, compreensão, respeito, e acima de tudo lhe ensina a ser uma pessoa com valores e com opiniões próprias, com autonomia, que saiba defender aquilo que é considerado útil para o seu convívio social.

Se o aluno, no ambiente escolar, só recebe agressões por parte dos seus colegas, se tudo que fala, ou que faz, é motivo para galhofas, zombaria, e se, a todo instante, lhe apelidam com termos pejorativos, esse aluno perderá o interesse pela aprendizagem e se tornará uma tortura para ele ter que ir todos os dias para um ambiente onde não consegue se sentir à vontade para estudar, contar o que sente, para brincar, contar piadas, ou seja, aprender a aprender, se divertindo e se socializando com os outros. E quando o aluno abandona a escola sempre tem algum

motivo, portanto, nós educadores devemos estar atentos para qualquer comportamento estranho dos nossos alunos. Vereda comenta:

O jovem atual faz parte de uma geração que está sendo criada em frente a tv ou navegando pela internet, quando não, buscando sua sobrevivência nas ruas, como acontece nas classes mais empobrecidas(2007, p. 11).

O comportamento humano contemporâneo está se adequando à rápida evolução da tecnologia, principalmente à internet. É facilmente observável que as crianças estão crescendo em um ambiente sem limites, não tem hora para dormir, ficam assistindo televisão em horários proibidos para a sua idade ou então navegam pela internet até altas horas da madrugada. O resultado desse hábito é não conseguir, pela manhã, acordar para ir a escola. Uma boa noite de sono serve para restaurar não só a capacidade físico-motora, mas também serve para que a mente descanse e reponha as baterias para um longo dia de raciocínio. Com a noite perdida em frente a um computador ou televisão, essas energias não são recuperadas e o que percebemos pela manhã são crianças que falam de maneira agressiva e com sérias dificuldades para reter a aprendizagem. E os pais ignoram essas atitudes, preferem fingir que não acontece nada. Ocorre, na verdade, que alguns pais nem sempre se interessam em saber qual tipo de programa seus filhos estão assistindo, se o programa é apropriado ou não para crianças e adolescentes, não sabem quais os tipos de sites seus filhos estão acessando, e só percebem o tamanho do problema quando o filho está sendo vítima de pedófilos cibernéticos. Esses pais desatentos não notam que seus filhos mudaram seu comportamento, que começaram a agir de uma maneira que não é a habitual, e, na maioria das vezes, quando os pais identificam o problema, já é tarde demais.

Existem ainda aqueles casos em que a criança e o adolescente tem tudo que pedem, mesmo que às vezes não façam nada por merecer. Noutros casos são compulsivos, se veem alguma coisa que lhes chamem a atenção em uma determinada loja, o pai ou a mãe é obrigado a comprar, porque simplesmente não podem, ou não querem, dizer não. É preferível, entretanto, que expliquem ao filho que aquele não é o momento, quer seja por não terem dinheiro suficiente para comprar, quer seja porque o filho não precisa daquele objeto. Quando não são educados para



aceitar um não como resposta, para reconhecerem um limite, poderão se tornar jovens rebeldes. Para estes rebeldes sem causa, todo o resto do mundo é obrigado a fazer tudo o que eles querem, senão, do contrário, reagem com grosserias. A culpa dessa falta de limites não é só dos pais, embora a situação seja inerente a eles, é culpa também do moderno mecanismo de sobrevivência social, que exige dos pais excessiva carga horária no trabalho. Além do mais, na conjuntura familiar contemporânea, tanto o pai quanto a mãe, exercem funções paritárias no sustento do lar, sobrando do tempo quase nada para se dedicarem a criação dos filhos. Sendo que a única maneira que encontram para se redimirem da ausência é deixarem os filhos fazerem tudo o que querem.

Numa situação totalmente adversa a problemática exposta no parágrafo anterior, temos, ainda, aquelas crianças que não têm nada para comer em casa, que deixam a escola para trabalhar nas ruas como engraxate, limpador de pára-brisas de carros nos sinais de trânsito, com intuito de ganhar algumas moedas para comprar alguma comida, ou ainda por um motivo mais esdrúxulo, qual seja, o de, caso cheguem em casa de mãos vazias, os pais lhe agredirem. Outras crianças preferem roubar ou pedir dinheiro, às vezes para comer, às vezes para comprar drogas, ou até para pagar dívidas de drogas dos pais. Convivendo numa circunstância tão hostil, com a família totalmente desestruturada, o único refúgio que resta, para essas crianças, são as drogas como um alento, um alívio das tensões provocadas pelos problemas. A escola, que seria o único meio para elas se tornarem pessoas capazes, responsáveis, educadas e valorizadas pela sociedade, neste caso, ainda é um sonho distante. Diante da situação torpe em que se encontram, não conseguem obter incentivos, os valores familiares estão manchados, maculados, os pais, cômicos ou não, não são paradigmas a serem seguidos, ou seja, parâmetros que possam transformá-los em cidadãos com futuro de sucesso. Vereda elucidada que:

Na adolescência, o grupo de pares é indispensável, o jovem sem grupo fica isolado, infeliz e solitário. Ele precisa dos parceiros uma vez que todo processo da adolescência é vivido em grupo. É o grupo quem vai introduzi-lo e apoiá-lo em seu novo jeito de ser, de vestir [...] (2007, p. 18).

Durante a adolescência, portanto, a maioria dos jovens, seja na escola, seja na rua, sentem a necessidade de incluir-se em algum grupo, para não se sentirem menosprezados. Creem que, se não fizerem parte de uma turminha, poderão ser alvos de apelidos, de agressões e de represálias. Se não compartilharem das mesmas ideias, se não se vestirem do mesmo jeito do outro, se não fizerem tudo o que o outro faz, não serão respeitados nem pelos integrantes da sua turma nem pelos sujeitos fora do grupo.

A partir do momento que se tornam um personagem do grupo se sentem mais protegidos, seguros para enfrentarem qualquer situação, porque sabem que terão o apoio daqueles que compõem o grupo do qual fazem parte, e ninguém irá zombar deles. Sabem, ainda, que, se pensarem e agirem de forma diferente dos demais integrantes, serão considerados um zero a esquerda, um lerdo, e jamais o convidarão para se divertirem, para fazerem as atividades escolares juntos, seja na escola ou em casa. Enfim, pensam que só conseguem ser pessoas livres de preconceitos se fizerem parte de algum grupo, mesmo que discordem do discurso. Com o fantasma da solidão lhes rondando o pensamento, falta-lhes coragem para se pronunciarem. Imaginando que só têm amigos se estiverem inseridos em uma turma, acabam ficando a mercê do grupo, ignorando suas próprias opiniões e os conselhos das pessoas adultas. O interessante naquele momento é se espelhar no comportamento dos seus colegas de grupo, independente do tipo de conduta praticada, quer seja benéfica, quer seja maléfica.

Todos nós temos e precisamos de amigos para conversar, rir, chorar, contar os segredos, nos aconselhar quando estamos passando por dificuldades ou quando precisamos tomar alguma decisão importante, sempre nos ajudando nos momentos difíceis, e, claro, participando dos momentos de alegria, trocando ideias, sempre respeitando o jeito de ser e de pensar do outro. Segundo Vereda:

Geralmente, o apelidador escolhe os mais frágeis ou quem tem em sua aparência, algo que os diferencie dos demais, pois imagina que o mesmo não terá como se defender. Consegue o apoio de outros colegas e assim segue com esse tratamento, sem que o apelidado consiga revidar, ou se consegue, ignora seus apelos e assim o apelido 'pega' (2007, p. 27).

Os adolescentes que gostam de apelidar os outros sempre procuram aqueles que demonstram fragilidades, que se comportam de maneira diferente do normal: gostam de ficar sozinhos, não gostam de conversar muito, só falam o necessário com aquele amigo que têm mais afinidade, gostam de coisas consideradas fora do comum, vestem-se com roupas que não são usadas pelas pessoas ditas *normais*, e outros comportamentos. Os apelidadores, com a ajuda de alguns colegas, aproveitam-se da fragilidade desses jovens – que não sabem como se defenderem dos agressores e tentam ficar o mais distante possível à procura de um pouco de sossego – e os perseguem em qualquer lugar que estejam. Portanto, é em consequência dessa postura arredia e temerosa que as vítimas se tornam presas fáceis nas mãos dos agressores, esses imoladores gostam e sentem prazer em intimidar ainda mais esses jovens.

Tem alguns jovens que tentam se defender revidando com apelidos, ou fazem apelos para que os deixem em paz, mas nada que tentem surte o efeito desejado. Pelo contrário, quanto mais pedem para parar, mais eles continuam com os apelidos, cada vez com maior intensidade. Na maioria dos casos os agressores não têm noção que os seus atos podem ocasionar traumas e consequências graves para as vítimas dos apelidos. Cabe, aos envolvidos no processo educativo, conscientizar a todos os adolescentes da escola acerca das consequências que os apelidos pejorativos podem desencadear nos comportamentos das pessoas que são alvos dessa *brincadeira*. De acordo com Vereda:

A intolerância ao diferente é uma das faces do processo que dá origem a violência, esta é construída ao longo de uma história e não apenas por uma explosão de agressividade. Daí a necessidade de a escola estar atenta aos pequenos “delitos”, com vista a prevenir os grandes (2007, p. 64).

A falta de uma atenção maior por parte dos agentes educacionais causa no aluno/vítima um sentimento de revolta. Esse sentimento surge quando, na maioria das vezes, as humilhações preconceituosas – por sexo, cor, raça, condição sócio-cultural, ou então por ser a vítima uma pessoa que tem defeitos físicos, ou tem distúrbios comportamentais perceptíveis – se prolongam durante anos e ninguém leva a crer quer tomarão uma atitude para resolver o conflito. A negligência do educador,

diante da crueldade verbal, parece ser motivada por um censo comum de que se trata apenas de um jogo lúdico de apelidos, sem maiores consequências, que com o passar do tempo o aluno/vítima se acostuma ou esquece as agressões sofridas. Não percebem, pois, esses profissionais, que o que precisam realmente é de um aprimoramento das técnicas educacionais para refletirem acerca do conflito agressor/vítima e, desta forma, fazerem algo direcionado a extirpar esse comportamento aviltante, para que, enquanto têm a oportunidade, previnam outros tipos de violências.

À vista dessa inércia dos educadores, as experiências vividas nas escolas – o acúmulo de situações de intimidações, de gozações, de humilhações, praticados por colegas – apontam que o aluno vítima de apelidos entende que precisa reagir de alguma forma, e essa reação pode ser muito mais violenta do que a agressão verbal. Em alguns casos o aluno/vítima resolve o problema do seu jeito, consegue uma arma com o propósito de por um fim no seu sofrimento e agora, armado, vai para a escola, mata todo aquele que aparecer na sua frente e depois se suicida. Ou, em outros casos, comete suicídio sem nem mesmo ter praticado qualquer ato de violência contra outra pessoa. Segundo o seu pensamento, se não agir assim, será vítima de chacota durante todo o período estudantil e que, de certa forma, não pode ser culpado por ter se tornado uma pessoa violenta. Porque, nestes casos, a vítima entende que o ato de revidar é uma ação de defesa e não de ataque: essa foi a única saída que encontrou para não sofrer mais com as agressões.

Os diversos casos com consequências graves servem de exemplos para os profissionais da área educacional começarem a se preocupar com o assunto, e, a partir de então, possam tirar a venda dos olhos que impede a percepção de que os apelidos não são apenas *brincadeiras* de crianças, atentando para um olhar mais criterioso para todos os casos de agressões dentro da escola, independentemente da intensidade da violência.

Só a educação tem o poder de transformar a mente humana. Os alunos veem a escola como sua casa e o seu professor como alguém em quem quer se espelhar, alguém que tem o maior respeito, isso, claro, desde que sejam respeitados e enxergados com o mesmo apreço.

A escola, os pais, a família, são fatores essenciais para ajudar os alunos a não se tornarem pessoas agressivas, porque se esses jovens receberem a devida atenção quando solicitada, não precisarão agir com violência. Depende muito mais dos professores e dos responsáveis, do que dos educandos e dos filhos, respectivamente, a responsabilidade de estarem sempre atentos as ações dos agressores e das vítimas.

Dessa forma, concluímos que o apelido pejorativo dentro das escolas precisa ser visto com um olhar mais observador por parte dos envolvidos no processo de ensino aprendizagem, porque esta é uma temática que muitos não dão a importância que deveria, por isso que os casos de violência, principalmente dentro das escolas, têm aumentado de maneira alarmante, se estendendo para outros contextos, como, por exemplo: as agressões através da internet, o chamado cyber bullying. Esse tipo de violência virtual se tornou um problema sério para os pais que deixam seus filhos navegar pela internet. Sem o acompanhamento de um adulto, dos próprios pais, os seus filhos podem, ou serem vítimas de grosserias, ou serem os próprios autores. Essa pratica on-line causa dor e angústia para aqueles que veem suas identidades expostas para todo mundo que navega pela rede mundial de computadores.

Muito de nós, vale registrar, já fomos vítimas desse tipo de violência simbólica. Alguns, durante muito tempo, outros, durante pouco tempo, mas todos sabemos que não é algo bom, que constrange, que não dá vontade de sair de casa porque você se acha a pessoa mais feia do mundo e acha que, toda vez que põe a cabeça de fora, tem alguém zombando de você.

Podemos pontuar aqui que a escola, como formadora de cidadãos aptos para o convívio em sociedade, não pode deixar que isso ocorra nos corredores nem tão pouco dentro da sala de aula. Devemos criar normas e tipos de punições severas e rígidas para aqueles alunos que sentem prazer em intimidar os colegas. Devemos, ainda, dispor de supervisores, de psicopedagogos e de coordenadores para auxiliar nos problemas existentes dentro da escola. Somente desse modo se poderá intervir, combater e prevenir os casos de violência dentro da escola e até, quiçá, fora de seus muros.

## 2. Procedimentos Metodológicos

O apelido pejorativo em sala de aula, para alguns profissionais da educação, é considerado um tipo de *brincadeira*. Esses profissionais não percebem que quem sofre com os apelidos poderá desenvolver vários tipos de comportamentos já mencionados na introdução e no capítulo teórico deste trabalho. O que parece se delinear, por conseguinte, é que alguns desses profissionais ainda não depreenderam que a escola, e todos os envolvidos no processo educativo, deve prevenir esse tipo de violência: primeiro, identificando e dando mais atenção àqueles alunos que estão com comportamentos fora do seu estado normal; e, segundo, discutindo e desenvolvendo atividades sobre o apelido pejorativo em sala de aula.

Dessa forma, faz-se necessário retomarmos o problema da pesquisa que propõe o seguinte questionamento: de que forma a escola pode prevenir esse tipo de Violência Simbólica dentro da sala de aula do 5º ano do Ensino Fundamental?

A partir desse questionamento elaboramos os seguintes objetivos: analisar tipos de comportamentos, relativo a apelidos pejorativos de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental; identificar e descrever a existência do apelido pejorativo na sala de aula; e, por último, discutir a melhor maneira de se trabalhar esse tipo de Violência Simbólica com os alunos.

### 2.1 Contextualização da escola campo de estudo

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Cajazeiras/PB, numa instituição pública estadual de grande porte, que funciona os três turnos: pela manhã são vinte e seis professores e quinhentos e vinte e nove alunos; à tarde são dezoito professores e quatrocentos e sessenta e cinco alunos; e à noite são cinco professores e cento e setenta e três alunos. Perfazendo, deste modo, um total de mil cento e sessenta e sete alunos, e quarenta e nove professores, sendo que sete professores são contratados e trinta e dois são efetivos. Quanto à situação econômica dos alunos, a maioria é de classe média-baixa.

No que tange aos professores, todos possuem nível superior. Alguns trabalham em escolas do município, outros em escolas particulares e outros ensinam em estados vizinhos. Todos moram na zona urbana e suas faixas etárias variam de vinte a cinquenta anos.

A escola dispõe de uma Diretora e duas adjuntas. Não têm Coordenador Pedagógico. Na secretaria, ao todo, trabalham dezoito funcionários. Os auxiliares de limpeza são onze, sendo oito contratados e três efetivos, e porteiros são três.

O planejamento da escola acontece semanalmente e bimestralmente. As reuniões pedagógicas são semanais, e quem fica responsável pela organização do Projeto Político Pedagógico é supervisionado pela direção, pelos professores e coordenadores. As avaliações dos alunos ficam a critério do professor. As reuniões com as famílias acontecem bimestralmente e, sempre que necessário, os pais são convocados até a escola.

A pesquisa se realizou com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. Nessa sala de aula frequentam trinta e cinco alunos: vinte do sexo feminino e quinze do sexo masculino, com faixa etária entre doze e quinze anos. A nossa proposta de pesquisa de campo era a de sabermos a opinião e a reação de cada um, acerca do apelido pejorativo na sala de aula, e, a partir das informações obtidas e analisadas, desenvolvermos uma discussão voltada para trabalhar essa problemática com os alunos.

## **2.2 Relação entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa**

Para que seja efetivado um trabalho de pesquisa diferenciado, faz-se necessário: compreendermos que o pesquisador deve estar preparado para a realização do trabalho, dispondo de estudos anteriores, de métodos e sistemas investigativos; planejamento sobre o quê e como vai ser o estudo; definir de forma clara o foco, a duração, o espaço das observações, a participação, habilidades e competências do pesquisador diante do objeto a ser estudado.

O pesquisador pode basear-se em experiências pessoais para auxiliar no processo de construção e compreensão do fenômeno estudado. A partir disso, o pesquisador pode, de forma direta, acompanhar o cotidiano dos sujeitos e de como veem a sua própria realidade. Em algumas situações, as pessoas observadas se sentem um pouco incomodadas com a presença do observador, agindo de forma que não é a de costume, contudo, caberá ao pesquisador desenvolver meios e técnicas para deixar as pessoas observadas mais à vontade, menos nervosas e tímidas, procurando a melhor maneira possível para solucionar o problema (LÜDKE e ANDRÉ 1986).

O entrevistador precisa dispor de habilidades e conhecimentos para não causar irritação no entrevistado, querendo forçá-lo a responder somente aquilo que quer ouvir, ou até mesmo já formula a pergunta e ele próprio quem responde, não deixa o entrevistado livre para falar (LÜDK e ANDRÉ, 1986).

A entrevista é um dos métodos mais eficaz quando se está fazendo uma pesquisa, pois o entrevistador, ao utilizar a forma correta, seguindo todos os critérios que se deve saber quando se vai entrevistar alguém, respeitando e conhecendo os limites, provocará espontaneidade e interatividade. Através da entrevista pode-se obter todas as informações, desde assuntos profissionais até os pessoais, dependendo do tema escolhido pelo entrevistador. Com base em Lüdke e André (1986), vimos que o entrevistado pode não se sentir à vontade para falar frente a frente, caso o tema seja de natureza íntima – como, por exemplo, a sexualidade – e responderá a um questionário, ou outro tipo de técnica, com argumentos mais superficiais que não satisfará o objetivo da pesquisa.

O entrevistador deve seguir as exigências e as regras para a realização da entrevista, seja de qual natureza for, como: respeitar o entrevistado, cumprindo fielmente o horário estipulado, até mesmo porque você é quem precisa dele e não o contrário. Se o informante optar pelo sigilo, o entrevistador precisa ser ético respeitando e aceitando a decisão do entrevistado, sempre levando em consideração a realidade de quem fornece as informações, usando o vocabulário adequado, para não fugir do foco a ser pesquisado. É imprescindível destacarmos que a pesquisa tem, necessariamente, que ser sigilosa, mantendo o anonimato dos sujeitos das



pesquisas, já que o foco não é a pessoa e sim o assunto, ou seja, o que pensam sobre determinado tema.

O entrevistador tem que ouvir atentamente todas as informações e deixar o informante à vontade para não correr o risco das respostas serem tendenciosas. Logo, deste modo, deve transmitir confiança para que o informante se sinta livre para se expressar (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

O entrevistador precisa de um roteiro com os tópicos mais relevantes para basear-se, seguindo a sequência dos assuntos para não se confundir, sempre partindo do mais simples para o mais complexo, para que o informante entenda as questões abordadas. Também precisa estar atento “aos gestos, expressões, alterações de comportamentos, as comunicações não verbais”, [LÜDK e ANDRÉ, 1986] e não ficando obrigatoriamente preso ao roteiro preestabelecido. É interessante que o entrevistador perceba tudo o que acontece a sua volta na hora da entrevista, para depois, com um estudo minucioso, analisar e interpretar o discurso no geral, confrontando com outras informações da pesquisa (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Uma outra característica importante da entrevista é a forma como o pesquisador registra os dados obtidos. As duas grandes formas de registro mais usuais, para a realização da entrevista, são: ou por meio da gravação ou por meio de anotações durante a entrevista (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

A entrevista gravada é muito eficiente porque possibilita ao entrevistador a liberdade para observar tudo o que acontece durante a sua realização, dando uma maior atenção ao entrevistado e vendo como reage às perguntas realizadas. Há casos em que as pessoas não gostam e nem se sentem à vontade para uma entrevista gravada, até mesmo por causa de uma questão muito simples: o receio de ter a sua fala gravada para outra pessoa e futuramente lhe causar algum problema. Nestes casos, o entrevistador tem que respeitar a decisão do entrevistado de não querer a gravação das respostas. Em decorrência da negativa do entrevistado, ao pesquisador só cabem duas soluções: fazer a entrevista de outra forma ou agradecer o entrevistado pela atenção e ir embora.

Já nos casos em que a pesquisa se realiza por meio de anotações, o entrevistador não consegue dar e nem prestar atenção ao entrevistado, muito menos

a tudo o que acontece, justamente porque tem que anotar tudo o que diz o entrevistado, deixando de ver as expressões faciais e as mudanças de comportamento daquele. Devido o entrevistador estar preocupado com as anotações, não percebe que algumas perguntas podem causar um certo desconforto e constrangimento no entrevistado. Vale salientar que o entrevistador não pode fazer caras e bocas diante das respostas, tem que manter uma postura séria e única durante toda a entrevista (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Qualquer uma das duas formas de registro que o entrevistador optar é importante que tenha prática e habilidades para desenvolver a pesquisa, conseguindo, ao mesmo tempo, dar atenção ao entrevistado e fazer as anotações necessárias. É importante que o entrevistado esteja a par dos objetivos da entrevista, e saiba que a sua fala será utilizada apenas para a pesquisa, e que todas as informações fornecidas serão respeitadas com todo sigilo e ética.

Deste modo, depreendemos que a entrevista é de grande importância para a realização de uma pesquisa. É através dela que serão obtidas muitas informações sobre o objeto a ser estudado. Ressaltando que, para que a pesquisa se realize de maneira satisfatória, o entrevistador tem que ter muita responsabilidade, habilidades e conhecimentos sobre o que seja entrevistar alguém.

### **2.3 Conhecendo os alunos participantes da pesquisa**

Todos os alunos, participantes da pesquisa, residem na cidade de Cajazeiras, alto sertão paraibano e, em vista da proximidade locatória, podemos conhecê-los melhor: Ricardo tem 12 anos, gosta de jogar bola e tomar banho de rio no sítio, nos finais de semana; Carlos tem 13 anos, gosta de jogar vídeo-game, de jogar futebol com os amigos e, aos domingos e feriados, vai para o sítio com os pais; Beatriz tem 10 anos, reside em Cajazeiras, gosta de estudar, de brincar de bonecas, e, nas férias, pega alguns livros e brinca de escolinha com suas amigas; Aline tem 11 anos, não gosta de estudar, prefere passar o dia dormindo, gosta de brincar de

bonecas e de pega-pega com suas colegas; Gustavo tem 10 anos, gosta de estudar, de brincar, de andar de bicicleta e jogar vídeo-game com os amigos.

Conheceremos um pouco mais de cada um no capítulo de análises de dados, no qual traremos as falas de acordo com as perguntas realizadas acerca da temática que é o foco desta pesquisa.

#### **2.4 Etapas da coleta de dados**

Nos dias oito e nove de abril de 2010, fomos até uma escola Pública Estadual realizar nosso primeiro contato com a direção da escola. Explicamos as razões da visita e o tema da pesquisa e logo depois fomos guiadas por uma funcionária até a sala do 5º ano do Ensino Fundamental I do turno da tarde, que seriam nossos participantes da pesquisa. Fomos bem recepcionados pela professora, educada e atenciosa, nos autorizou para que adentrássemos a sala de aula, onde os alunos nos ouviram com atenção. Ficaram todos quietos no momento em que explicávamos o que queríamos. Foi quando perguntamos quais eram os cinco alunos que queriam participar das entrevistas. A princípio ninguém se disponibilizou. Então, explicamos novamente que não tinha nada demais, que era apenas algumas questões que perguntaríamos para eles, que éramos aluna da Universidade Federal de Campina Grande e que estávamos realizando um trabalho de monografia, e assim por diante. Após a explicação, mais de cinco alunos se disponibilizaram participar, mas falamos que eram apenas cinco e assim iniciamos as entrevistas.

Na biblioteca da escola, no primeiro dia, entrevistamos dois alunos, e no segundo dia entrevistamos três alunos.

No primeiro dia, quando estávamos indo com os dois alunos para a sala da biblioteca, um dos alunos nos perguntou se as entrevistas saíam no rádio, respondemos para ele que não, que era apenas um trabalho da universidade e que quem ia ouvir as entrevistas era apenas o pesquisador, que podia ficar à vontade para falar, e assim se realizou as entrevistas com os dois alunos. A maior parte do

tempo os alunos responderam todas as questões atentamente, só às vezes é que se distraíam olhando para o gravador.

No segundo dia fomos até a sala de aula e chamamos os outros três alunos. Fomos para a sala da biblioteca novamente e conversamos um pouco sobre o que cada um gostava de fazer nos momentos de lazer, como se comportavam dentro da escola e da sala de aula. Conversamos durante algum tempo e depois fomos para as entrevistas. Todos responderam as questões. Alguns só respondiam o que perguntávamos, outros, mais à vontade, respondiam o que perguntávamos e, dentro daquele assunto, já relatava outros fatos. Em alguns momentos, de uma forma bem sutil, tinha que trazê-los de volta para o nosso foco. Cada aluno foi entrevistado individualmente.

### 3. Análise de Dados

Temos como objetivo, neste capítulo, analisar os dados coletados com relação ao tema: Violência Simbólica: apelido pejorativo dentro da escola. E, dentro da temática, os casos de agressões entre alunos, e também contra professores, que crescem a cada dia, tornando-se então uma preocupação de todos os envolvidos no processo educativo.

A coleta de dados foi viabilizada por meio de entrevistas gravadas, semi-estruturadas com cinco questões. Participaram cinco alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I de uma Escola Pública Estadual, com faixa etária entre 10 a 13 anos. Alunos de classe média-baixa. Todos responderam as perguntas perpetradas pelo pesquisador. O roteiro de entrevista encontra-se no APÊNDICE A. Cada aluno expôs, a seu modo, o ponto de vista com relação aos apelidos pejorativos vivenciados por eles no interior da escola. De acordo com Galvão, em um “Universo complexo onde se encontram crianças e adultos, profissionais e familiares, indivíduos com lugares institucionais, referências culturais e valores distintos, os conflitos são inevitáveis” (2004, p. 26).

Em um espaço, neste caso a escola, repleto de pessoas que agem e pensam de maneira diversificada, que não são iguais no seu modo de ver o mundo, que não compartilham dos mesmos ideais, é normal que existam conflitos, desde que esses conflitos não sejam confundidos com violência.

Os conflitos surgem de forma natural na convivência entre os seres humanos, e, claro, podem ser resolvidos com o diálogo. Já a violência surge como algo desencadeador de condutas hostis, com tendência a agredir os outros.

Na sala de aula em que realizei as entrevistas com os cinco alunos, percebi que eles, entre si, ficaram meio tímidos em falar se agiam com agressões aos apelidos ou não. Alguns disseram que não gostam de ser apelidados. Outros falaram que nunca agrediram o colega fisicamente, a não ser quando lhes alcunham de maneira pejorativa, neste caso, se veem obrigados a agir com agressões físicas. Não que sejam alunos violentos. Aparentemente, não demonstram ser alunos que sintam prazer em agredir os colegas com termos pejorativos ou violência física, entretanto,

precisam reagir de alguma forma para ter um pouco de sossego. Os alunos, segundos eles, brigam num dia e no outro, ou minutos depois, já estão brincando como se nada tivesse acontecido. Podemos perceber claramente que esses alunos não agem com intenção de maltratar os colegas, a ponto de causar-lhes danos graves, mas, sim, como forma apenas de aperrear ou tão somente para chamar a atenção dos demais colegas por alguns instantes.

Os alunos que participaram das entrevistas responderam aos questionamentos de forma muito atenciosa. Ficaram um pouco tímidos no princípio, mas alguns minutos depois já estavam mais relaxados para responder as seguintes questões: O que você entende por apelido? Você gosta de ser apelidado? Como é o seu relacionamento com os colegas? Você já apelidou algum colega de maneira agressiva? Como você acha que podemos evitar os apelidos em sala de aula?

Ricardo afirmou que quando é apelidado se sente triste, ferido e machucado. E falou que só gosta de ser apelidado quando apelida primeiro os outros. Não gosta quando os colegas começam a apelidar e revida apelidando-os também. Declarou que com o restante da turma o relacionamento é bom, mas só brinca com maior assiduidade com seu melhor amigo, Carlos, embora goste de todos. Percebe-se que tem mais afinidade com esse seu amigo do que com os outros. Gosta de brincar mais com os meninos do que com as meninas. No entanto, embora não tenha afinidade com as meninas, afirmou que tem amizade com sua irmã, que estuda na mesma sala. Confessa que já apelidou um colega de maneira agressiva: só uma vez. Porque o colega lhe apelidou e Ricardo revidou, apelidando também. Disse que não sabe como evitar os apelidos. Para ele, sem os apelidos não tem graça. Segundo Ricardo:

Às vezes quando eu apilido os outro e eles apilidam eu é ruim, quando eu não tô mexendo cum eles não gosto de sê apilidado, só gosto de sê apilidado quando eu cumeço apilidá. Quando ele cumeçá, eu apilido ele também. Não brinco muito cum os outro amigo só marromeno, muito só brinco cum Carlos, que estuda na minha classe. Das míninas só tenho amizade cum minha irmã, que estuda cumigo. Só apilidei uma vez de maneira agressiva, ele apilidou eu e eu apilidei ele, não mim lembro qual era o apilido. Num sei como evitar não, os apilido, num tem graça sem apilidá.

Mediante a fala do participante Ricardo, podemos enfatizar o posicionamento de Vereda quando diz:

Ver o apelido na escola como uma forma de violência é um primeiro passo para a conscientização e a compreensão das dificuldades pelas quais passam os alunos apelidados pejorativamente (2007, p. 35)

Os apelidos dentro da escola precisam ser visto como um tipo de violência silenciosa, que acontece sem motivo aparente, e que causa nas vítimas doenças com sintomas psicossomáticos diversificados, tais quais: cefaléia, tontura, náusea, diarreias, dentre outros. Provocando, também, traumas seríssimos nos alunos que sofrem essa violência. Essa agressão acontece de forma natural e, como já dito acima, parece ser uma *brincadeira entre crianças*, só que, com o passar do tempo, se torna um problema que necessita da ajuda de todos que participam ativamente da vida do aluno, que todos os dias passa a ser vítima de intimidações. Para que esse aluno se sinta mais seguro dentro da escola, precisa-se que os educadores sejam mais conscientes das consequências que os apelidos trazem para a vida do aluno.

O segundo entrevistado, Carlos, declarou que quando ele apelida o outro ele não sente nada, mas quando sofre a agressão verbal disse ser ruim e dá vontade de chorar. Só gosta de ser apelidado se for por um amigo. Todavia, ressalta que depende do apelido. Não são todos que ele aprova, e que também não gosta se ficarem apelidando continuamente. Com relação ao seu relacionamento com os colegas, manifestou que é considerado normal: gosta de brincar com todos da escola. Quanto às agressões verbais, afirmou que ele e os amigos apelidam uns aos outros, mesmo eles percebendo que alguns ficam com raiva. O interessante da sua narrativa é o fato de que, logo depois às agressões, todos estão brincando juntos novamente. Carlos gosta de apelidar muito, porém faz questão de enfatizar que nunca apelidou ninguém de forma agressiva a ponto de provocar a raiva para quererem lhe agredir. Só apelida brincando. Quando percebe que seu colega está ficando com raiva, ele pára com os apelidos. Carlos acredita que não tem como evitar os apelidos: todo mundo gosta de apelidar, um apelida o outro. Mas só de brincadeira. A fala de Carlos é esclarecedora quando diz:

Quando arrente apilida num sente nada, mais quando apilida arrente é ruim dá vontade de chorar. Depende do apilido que gosto de sê apilidado, e se fo pu um amigo, mais se ficá só mim apilidando direto, sem pará, eu num gosto não. Gosto de brinca com todos meus amigo, falo cum todos. Arrente gosta de apilidá um o outro, na hora arrente fica cum raiva, mais depois arrente brinca tudo junto de novo. Nunca apilidei ninguém que ficasse cum raiva e quisesse mim bate. Num tem como evitar os apilido, todo mundo gosta de apilidá.

#### Segundo Vereda:

Ignorar os apelidos indica que para o adolescente é mais fácil mascarar a realidade do que enfrentá-la. [...], com o tempo, os apilidados desistem ou o apilidado deixa de se importar com o apilido. Esta reação pode trazer, no entanto, conseqüências ao apilidado [...]. (2007, p. 87)

Para a maioria dos adolescentes pesquisados, o melhor é ignorar os apelidos porque acreditam ser mais fácil enfrentar as intimidações praticadas pelos apilidados desta forma, ou seja, com apatia. Acreditam que, não dando atenção para os atos intimidatórios, os agressores irão desistir de seus propósitos. Com isso, esses adolescentes, a cada dia que passa, agem como se não estivesse acontecendo nada, refugiam-se, fingindo que não se incomodam com os apelidos, tentando esconder o que realmente estão sentindo. Negam a si mesmos o desejo de expressar que não aguentam mais serem vítimas de agressões repetitivas. Enclausurando-se com a solidão, negam que estejam amedrontados e sem autodefesa para lidar com a violência a qual são submetidos.

Existem alguns alunos que só gostam de apilidar. Quando estão sendo apilidados agem com raivosa violência e querem espancar os colegas, como pudemos constatar pela assertiva de um dos alunos que participou das entrevistas, na qual confessou que não gostava quando lhe apilidavam, mas gostava de apilidar os colegas. Não percebe que a atitude é errônea e fere o sentimento do outro.

Beatriz não crê que haja problema se a pessoa desde criança tem um apilido. Contudo, ela entende que não é agradável quando a pessoa não gosta. A entrevistada manifestou que não gosta de ser apilidada. Também afirmou que às



vezes, quando lhe infligem com uma zombaria, reage apelidando e tem vontade de agredir fisicamente o colega que está lhe alcunhando afrontosamente. Relatou, ainda, que já apelidou um colega de maneira agressiva, até mesmo o agrediu com socos, porque ele ficou só lhe apelidando. Expôs que, diferentemente desse seu revide, se relaciona muito bem com todos na escola e que gosta muito de conversar com os colegas. Uma maneira de evitar as agressões verbais seria, para ela, não dar atenção a quem está apelidando, pois, ocorrendo o contrário, o agressor continuará gracejando justamente porque percebe que a vítima não gosta de ser apelidada. Nas palavras da própria Beatriz:

Um apilido assim que a pessoa naceu cum esse apilido, que ela goste, ai é bom, agora uma pessoa que num gosta do apilido é ruim, claro que ela rrai dizê as corras. Não gosto de ser apilidada, as vez quando a pessoa mim apilida eu gosto de apilidá, dá vontade de pegá no pescoço e jogá nu outro lado. Cunverso com meus colega tudim, assim se vie dizê as corras cumigo, ai eu digo as corras com eles. Só uma vez eu dei uma mãozada num minino, que ele ficou mim apilidando, ai eu die, chega istralou. Se uma pessoa apilidá você, eles gosta assim, se você dé atenção a ele, ai eles vão apilidá você, que tá veno que você tá dano atenção a eles. Agora se você não dé atenção a eles, lógico que num vão le apilidá.

De acordo com Debarbieux e Blaya:

As escolas, por sua vez, podem dar maiores ou menores oportunidades para a ocorrência de intimidações, em termos da natureza do ambiente escolar e do tipo de valores éticos que ali prevalecem, de haver ou não uma prática escolar que de fato funcione, sanções contra a prática da intimidação [...] (2002, p. 192).

A escola tanto pode contribuir para a erradicação como também pode contribuir para o aumento da violência. Se a escola não estiver preparada para lidar com os vários tipos de agressão, a tendência será que se gere mais violência, e, quiçá, com consequências irremediáveis. Portanto, o ambiente escolar precisa ser mais atencioso com relação ao comportamento dos alunos. Perceber como interagem. Faz-se necessário estabelecer políticas e normas para os casos de violência dentro da escola, para que os alunos, que gostam de agredir os colegas com posturas intimidatórias, não saiam incólumes e sem uma reflexão consciente dos

seus atos. Se os educadores em geral ignorarem os pequenos casos de violência, fingirem que está tudo sob controle, acreditarem que não precisam se preocupar com essa prática porque tudo será resolvido entre os próprios alunos, sem a necessidade de uma interferência, estarão cometendo um erro decorrente de uma visão falha acerca do assunto. Ao não interferirem, por pensarem que o problema está resolvido, perdem a oportunidade de construir um processo educacional pautado na convivência pacífica e harmoniosa dos alunos, e podem, involuntariamente, conduzir os alunos, que estão sendo apelidados, a uma situação na qual se tornarão indivíduos com transtornos graves e violentos. Pelo menos foi o que podemos acompanhar na própria literatura que trabalha com esta temática.

Vimos que Aline entende que o apelido é ruim. Quando lhe apelidam, informa o ocorrido e convida a mãe para ir até a escola. Ela acentuou que já deixou bem claro que não gosta de apelidos e muito menos os inflige a ninguém, mas os colegas continuam lhe apelidando. Declarou também que não tem um relacionamento muito agradável com os outros alunos. Com a maioria não fala, só com algumas colegas. Com aqueles que não fala, justificou que é porque ficam zombando dela por causa da sua voz que é um pouco rouca, rouquidão que é imitada constantemente, segundo a entrevistada. Nunca apelidou ninguém. Só gosta de ficar quieta no seu canto. Os apelidos só podem ser evitados em sala de aula, de acordo com a declarante, se você não escutá-los, em outras palavras, se não der atenção. Nos dizeres de Aline:

O apelido é ruim, quando mim apilida eu trago a minha mãe, por que eu num apilido ninguém e eles fica mim apilidando. Não gosto de sê apilidada, eu nem apilido ninguém nem gosto de sê apilidada. Com a metade dos colega não falo, só falo com alguns, com os outro eu não falo muito não, só porque minha voz é roca eles fica mim imitano. Nunca apilidei ninguém de maneira agressiva. A maneira de evitar os apilido é não iscutá, não dá atenção.

#### Segundo Hornblas:

Os atos intimidatórios, violentos, agressivos, ocorrem no fundo das salas de aula, nas conversas paralelas durante a aula, nos intervalos ou nas trocas de aulas, nas relações cotidianas entre os alunos. O

apelido dado por brincadeiras pode ser carregado de objetivos preconceituosos e discriminatórios (2009, p. 34).

Um dos ambientes em que mais ocorre a Violência Simbólica: apelido pejorativo é na escola. A todo o momento os alunos são motivos e alvos de chacotas para os demais: ou por causa do modo de vestir-se, ou do andar, do falar, ou, nos casos mais indelicados, quando se tem alguma deficiência. As agressões são constantes. Além desses motivos, existe aquele da falsa necessidade de pertencer a um grupo, e, quando o aluno não se enquadra nos padrões determinados pelas turminhas, podem ser intimidados com uma frequência exacerbada.

Os alunos, que, diante dos apelidos, não ficam calados e reagem de alguma forma, são minorias. A maioria se sente indefeso, sem ter força para reagir. Preferem se esconder quando veem um grupo de alunos que gosta de cometer atos de intimidação. Podemos utilizar como exemplo, para o que estamos tentando colocar em evidencia, a fala de Aline que diz que não fica perto do grupo de alunos que gosta de apelidos, nem muito menos fala perto deles porque zombam da sua rouquidão. Prefere ficar sozinha no seu canto e tem como um trunfo de defesa trazer sua mãe até a escola quando os colegas estão lhe apelidando.

Gustavo, o último aluno entrevistado, refere-se ao apelido como algo muito ruim porque ninguém tem prazer em ser apelidado. Ele mesmo não gosta de ser apelidado. Entretanto, paradoxalmente, comentou que todo mundo acha bom esse tipo de zombaria, e ainda admite que gosta de apelidar, muito embora não goste de ser apelidado até mesmo quando começa a apelidar. Seu relacionamento pode ser considerado razoável: um dia conversa muito, no outro conversa pouco. Quando apelida os colegas, eles ficam chateados na hora, mas no dia seguinte já estão se falando. Ele confirma que já apelidou um amigo no bairro em que mora e o amigo lhe revidou zombando também. Nesse dia reagiu com violência dando socos. Porém, na escola, nunca brigou com seus colegas por causa de apelidos. Gustavo diz, assim como Aline e Beatriz, que os apelidos só podem ser evitados se não der atenção a eles. No caso de lhe apelidarem o melhor é não dar ouvidos. De acordo com Gustavo:

O apelido é ruim, porque agente num gosta né, se eu apilidasse um colega ele num ia gostá, se mim apilidasse eu num ia gostá. Não gosto de sê apilidado, mermo quando eu cumeço a apilidá, mais gosto de apilidá os outro. Meu relacionamento é marromeno, num dia cunverso muito, no outro dia cunverso pouco. Na escola nunca apilidei de maneira agressiva, de sê preciso bate. Uma maneira de evitar os apilidos, é nem ligá, se ele apilidá nem liga.

#### Segundo Debarbieux e blaya:

[...], a intimidação nas escolas é um problema que atinge a todos, e é hoje amplamente reconhecido como tal em muitos países. Ela afeta uma minoria significativa dos alunos, podendo ter efeitos negativos tanto imediatos quanto de longo prazo, principalmente nas vítimas, mas também sobre a atmosfera da escola como um todo (2002, p. 201).

A violência cometida através dos apelidos pejorativos dentro das escolas já é reconhecida mundialmente. Em todos os lugares acontece essa prática. Os casos mais alarmantes chegam às vias de fato. Em alguns países, o aluno que sofreu durante anos com os apelidos, muita vez resolve fazer justiça com as próprias mãos matando aqueles que lhe intimidaram por muito tempo. Já outros alunos, vítimas de agressões, preferem não ir mais para a escola, querem ficar sozinhos, nem mesmo querem conversar com seus pais sobre o que está acontecendo, e têm comportamentos estranhos. Em suma, não sentem mais prazer em viver.

Gustavo em sua entrevista confessa que só gosta de apelidar. Quando lhe apelidam fica com raiva. Diante dessa característica, gostar de agredir, mas na hora que está sendo agredido não acha bom, é preciso atentar para o fato de que esses alunos poderão se tornar adultos que não suportam serem contestados, não aceitam o contraditório e enxergam somente uma solução para o conflito: revidar agressivamente contra qualquer argumento que seja diferente dos seus. Portanto, a escola, no seu papel de educar, precisa estar preparada para impedir que esse tipo de caso, assim como vários outros e não só este, se torne realidade.

Os cinco alunos que participaram das entrevistas tinham cada qual uma maneira de se expressar. Alguns se expressaram com mais facilidade, outros, com menos. Mas, no geral, todos foram bem. Expuseram o que achavam dos apelidos: que não era uma coisa boa, que não gostavam de ser apelidados e que, quando

alguém lhes apelidam, revidam lhes apelidando também. Enfim, realmente ninguém gosta de passar por constrangimentos seja de que tipo for. Ninguém aprecia ser exposto ao público e muito menos se tornar alvo de agressões ou de intimidações. Em outras palavras, ninguém gosta da violência simbólica, que ocorre em todos os lugares, principalmente dentro das escolas, onde se vivencia com maior intensidade: um espaço repleto de desigualdades sociais, de diferenças entre cor, raça, religião e etc. Segundo Paredes, et all "Até algum tempo, a violência era uma questão que não provocava grandes preocupações entre os educadores. [...], tornou-se atualmente, relevante tema de constantes debates educacionais e pesquisa (2006, p.11).

Anteriormente aos estudos recentes sobre bullying, os educadores sabiam que existiam as brigas e os apelidos entre os alunos, mas não tinham conhecimento algum sobre o assunto, nem o que essas agressões causavam nos alunos que sofriam esse tipo de violência. Atualmente, esse tema se tornou preocupação para a maioria dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Isso se deve aos diversos casos preocupantes que aconteceram no Brasil e em outros países: de alunos vítimas de agressões dentro da escola que, ao longo dos anos, ou não necessariamente, se tornaram violentos com intenção de se vingarem de todos aqueles que lhes causaram dor, inclusive daqueles que, embora tivessem o dever de lhes proteger, foram omissos ao sofrimento. Paredes, com base em Werthein (2002), esclarece que:

As violências nas escolas tem identidade própria, ainda que se expressem mediante formas comuns, como a violência de *facto* – que fere, sangra e mata – ou como incivildades, preconceitos, desconsiderações aos outros e à diversidade. Realizam-se, ainda, no plano simbólico, correndo o risco de naturalizar-se, principalmente quando têm lugar nas ligações entre pares, alunos. [...] (2006, p. 19)

Na escola existem vários tipos de violência, desde àquelas mais visíveis, cuja consequência é vista no momento, como nos casos de um aluno ferir ao outro, até àquelas imperceptíveis, como um gesto sutil ou um sussurro ao pé do ouvido. No primeiro caso, as devidas precauções e punições aplicam-se mais facilmente, até mesmo na hora do acontecimento, pelo motivo de ocorrerem publicamente e se tornarem do conhecimento de todos. No segundo caso, a identificação e classificação da violência, e conseqüentemente a solução, se tornam um pouco difícil. Dependeram

– a identificação, classificação e solução – primeiro de uma atitude denunciativa da vítima, segundo, de uma atenção redobrada dos educadores, pais, tutores, pedagogos e qualquer outro funcionário que esteja vinculado ao processo educativo. Nos dois casos, enfatize-se, a própria escola tem por obrigação fazer algo a respeito, pois do contrário estará dando chances para que a violência se torne ainda maior.

Uma das violências visíveis é a intimidação repetitiva e cotidiana. Essa violência agride desrespeitando as diferenças e a diversidade. Ocorre em diversos setores da escola e é tomada como algo natural por aqueles que não sabem o que seja ser vítima de insultos todos os dias. A escola deveria ser um ambiente que, para o aluno, fosse como sua casa. Contudo, ao se sentir restringido pelas atitudes de zombarias dos colegas e indefeso por não encontrar apoio, se desespera quando o seu espaço é invadido e o seu modo de ser é desrespeitado, sentindo-se preso no seu próprio mundo.

Se a escola – através dos professores, gestores, coordenadores, funcionários, alunos, pais e outros – não estiver em sintonia com a educação, com os acontecimentos diários, com a forma de ser de cada um, todo o processo será ineficaz. Não se terá aproveitamento e nem aprendizagem. Todos dentro da escola devem cumprir as normas impostas, cada qual sabendo da sua responsabilidade. E refutar uma postura egoísta e autoprotetora de sempre jogar a culpa dos seus erros no outro. Podemos citar, como exemplo, a escola que realizamos a pesquisa e as entrevistas com os cinco alunos. Nela, existem alunos com todo tipo de personalidade, desde os mais calmos aos mais explosivos. A diversidade é enorme porque a escola é de grande porte. Não podemos fechar os olhos a ponto de acreditar que não existem as agressões verbais, e até mesmo físicas. Precisa-se desacreditar que os alunos reagem aos apelidos de maneira apática, ou então que se satisfazem quando comunicam à professora, ou à direção, mas nenhuma providência satisfatória é tomada. Diante da omissão, as vítimas se veem obrigadas a revidar de alguma forma: apelidando, se isolando daqueles que gostam de agredir – porque o isolamento também é uma reação –, ou então provocando lesões com socos e pontapés – quem sabe até com um objeto mais contundente –, e assim por diante. Esses jovens molestados necessitam fazer algo para resolverem a situação, ou, pelo

menos, depois de tanto se conterem, para descarregarem as frustrações após tanta zombaria continuada e cotidiana.

Alguns profissionais da área educacional ainda não tomaram consciência do problema, mesmo com um tema tão comentado pelas mídias, que relatam vários casos horríveis que aconteceram por motivos aparentemente banais. Mesmo assim, com esses fatos tornados públicos, alguns educadores ainda não perceberam que depende principalmente deles acabar com esse tipo de violência dentro da escola, quer seja fazendo palestras sobre o assunto, quer seja através de outros meios: de filmes ou de textos um pouco mais dinâmicos, textos que, ao mesmo tempo em que sejam lúdicos, também sejam didáticos. Por conseguinte, observa-se que há certa variedade de formas para trabalhar a temática. Porém, precisa-se querer e se esforçar mais um pouco, sem pensar no trabalho que isso dará. Ora, sabemos que toda proposta de mudança pode parecer trabalhosa no início, mas depois que está ajustada se torna prática inerente e natural, sem contar que no futuro poderá mudar o mundo. Melo com base em Menezes (2008) afirma que:

A indiferença, a discriminação, a intolerância e o preconceito ocorrem no contexto escolar como em qualquer outro lugar que favoreçam as relações interpessoais. [...], a escola é um espaço de diversidade privilegiado para aprender a resolver conflitos e conviver com a diferença. É assim que ela combate os preconceitos (2010, p. 63).

Só estamos reforçando o que já foi dito anteriormente, que a escola é um espaço onde os conflitos surgem a todo instante, porque existe muita diferença entre os indivíduos que convivem num ambiente de prática social. O comportamento que deve ser considerado inaceitável é o daquele indivíduo que não aceita o diferente, que quer que todos sejam iguais. Ora, se fossemos todos iguais, não necessitaríamos do outro, justamente porque o outro seria uma cópia daquilo que já somos. Sabemos que cada um tem seu próprio jeito de ser e de pensar. E isso é o que torna a vida um ambiente de conflitos que tende a provocar uma síntese dos problemas para a resolução final. Portanto, o conflito também é um processo de aprendizagem. E esse aprendizado só se torna possível com a intervenção do educador, que deve se

posicionar como um mediador do conflito, para que todos possam conviver com harmonia em um mesmo ambiente.

A escola através desses conflitos deve ensinar os alunos a respeitar o outro, a aceitar e aprender com o outro. Sabemos que não necessariamente deve-se concordar com aquilo que as pessoas dizem ou fazem, mas cabe a nós sermos inteligentes, educados, aceitarmos e respeitarmos o ponto de vista de cada indivíduo.

Não podemos ensinar nem demonstrar indiferença para com nossos alunos. Se isso ocorrer, estaremos fomentando a probabilidade de surgirem ações, ou talvez reações, que tomarão dimensões difíceis de se delimitar. Se um aluno percebe que a professora está lhe tratando com mais carinho, e que se dedica mais a ele do que ao outro, aquele que está sendo tratado de forma mais carinhosa irá zombar daquele que está sendo tratado com indiferença. E o aluno que passa por esse constrangimento com certeza se sente excluído, e poderá reagir querendo agredir o colega que zomba dele. Portanto, nós educadores devemos tratar nossos alunos de forma igual, para que não corramos o risco de agir injustamente ou preconceituosamente.



## Considerações Finais

Chegamos ao fim deste trabalho com a certeza de que é imprescindível a resolução dos problemas com relação aos apelidos dentro da escola. Em não se conseguindo resolver por completo, que pelo menos conscientizemos e sensibilizemos alguns alunos e educadores acerca das consequências que essa violência causa na vida das vítimas. Através deste estudo podemos depreender que há uma diversidade de maneiras para ajudar aqueles alunos que estão sendo vítimas dessas agressões repetitivas. A nossa proposta é de que, ao lerem este trabalho, os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem mudem sua postura e reflitam acerca do problema. Que sejam mais atenciosos com seus filhos e com seus alunos. E que saibam identificar quando alguém, próximo a eles, está sofrendo com essa violência verbal disfarçada de brincadeira.

Para a realização deste trabalho, pesquisamos vários autores, assistimos várias reportagens transmitidas pelas diversas mídias – rádio, televisão e internet –, lemos várias revistas e jornais, realizamos pesquisas em uma escola, e entrevistamos alunos sobre os apelidos. Sabemos que sempre existiu essa violência camuflada dentro das instituições de ensino, mas que ninguém nunca se preocupou com o assunto, porque até então não conhecíamos nenhum caso de violência simbólica com consequências graves. No entanto, com a repercussão da temática que hoje está em evidência, os casos de alunos, vítimas de agressões frequentes dentro da escola, se tornaram preocupação de todos, ou pelo menos deveria, já que os casos aumentaram de forma assustadora.

Nós educadores podemos começar com a nossa parte fazendo algo a respeito. Não devemos cruzar os braços diante das agressões, ou fingir que não vimos, pelo contrário, devemos ser solidários e ajudar o outro sempre que necessário.

Esse tema foi escolhido justamente porque percebemos a necessidade de informar as pessoas sobre os apelidos pejorativos.

Vamos todos os dias para a escola com o intuito de aprender uns com os outros, respeitando cada um no seu modo de ser, de falar, de pensar, de vestir. Em

outros termos, a escola pretende propiciar aos alunos uma educação onde eles sintam prazer em estudar, em brincar, em conversar, e não ficar com medo, quieto num canto, como se estivessem se sentindo ameaçados por algo ou alguém.

Esperamos que, com base neste trabalho, que na verdade ainda é apenas uma introdução, possamos despertar a curiosidade de outras pessoas acerca deste tema. Que muitos se sintam sensibilizados com os casos de agressões do tipo dos apelidos, possibilitando o interesse em conhecer mais sobre o assunto, para saberem como trabalhar com seus alunos e com seus filhos.

Finalizamos este estudo com a certeza de que não estacionaremos por aqui. Sabemos que muita coisa ainda há de ser feita para acabar com essa prática nas escolas. Que tudo o que discorremos não pode ficar apenas no papel, pelo contrário, que sirva de incentivo e motivação para que outros caminhos sejam descobertos com o intuito de dirimir os conflitos entre os jovens. Contribuindo, assim, para a formação de um indivíduo conhecedor dos seus direitos e, principalmente, dos seus deveres, conscientizando-os que a escola é um ambiente para aprendermos a ser pessoas educadas e solidárias, e não para aprendermos a ser pessoas truculentas e indiferentes ao sofrimento do outro.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Violência nas escolas: versão resumida**. Brasília: UNESCO, REDE PITÁGORAS, 2003.

DEBARBIEUX, Eric & BLAYA, Catherine (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

GALVÃO, Izabel. **Cenas do cotidiano escolar: conflito sim, violência não**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MELO, Josevaldo Araújo de. **Bullying na escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo**. Recife: EDUPE, 2010.

MENGA, Lüdke e MARLI, E. A. André. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Editora Pedagógica e Universitária Ltda, São Paulo, 1986.

PAREDES, Eugênia C.; SAUL, Léa Lima; BIANCHI, Kátia Simone da Rosa. **Violência: O que têm a dizer alunos e professores da rede pública de ensino Cuiabana**. Cuiabá: EdU FMT/ FAPEMAT, 2006. (Coleção Educação e Psicologia; v. 2).

VEREDA, Rita de Cássia. **Apelido Pejorativo na Escola: um estudo com adolescentes paulistanos**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (PUC-SP). São Paulo, 2007.

## APÊNDICE A

### Roteiro de Entrevista

- 01- O que você entende por apelido?
- 02- Você gosta de ser apelidado?
- 03- Como é o seu relacionamento com os colegas?
- 04- Você já apelidou algum colega de maneira agressiva?
- 05- Como você acha que podemos evitar os apelidos em sala de aula? Ou é possível evitar os apelidos em sala de aula?